

humanitas

Vol. V-VI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. II E III DA NOVA SÉRIE
(VOLS. V E VI DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLIII-IV

O A. do livro dedica algumas páginas a estas questões, insistindo na impossibilidade de as resolver, ou na sua falta de interesse, por revestirem aspecto mais erudito que crítico.

O verdadeiro problema para F. Giancotti é o da autenticidade das nove tragédias (exceptuada a Octávia) que tradicionalmente, segundo o testemunho dos antigos e a tradição manuscrita, são atribuídas ao mesmo Autor das obras morais e filosóficas.

Tendo começado por afirmar que «um problema de autenticidade é sempre um problema de unidade», propõe-se interpretar as tragédias, para nelas surpreender o mesmo sentido das obras filosóficas.

À primeira vista, umas e outras parecem inconciliáveis.

Podem as «paixões» e a poesia alimentada de fábulas ser negadas numas e encontrar noutras a sua expressão ?

Segundo o A., tudo isto resulta ou de um equívoco — uma coisa é a paixão de uma personagem, outra o sentido que dela tem o autor —, ou de falta de perspicácia psicológica — Séneca nas obras filosóficas luta precisamente contra um «eu» *passional*; «se essa luta não brotasse de uma alma agitada por humanas e implacáveis paixões, seria pálida e fria» —, ou, enfim, de ausência de análise interna das tragédias. Num capítulo intitulado «A ideia-mãe das tragédias» afirma que o seu carácter mais conspícuo é o moralismo e que elas contêm, como tese moral, a antítese entre o «furor» passional e a «mens bona». As personagens trágicas — Edipo, Medeia, Fedra — são arrebatadas por este «furor», ao mesmo tempo que o coro invoca a «temperantia», a «moderatio» ou a «medietas», isto é, a «sapientia» das obras filosóficas.

A finalidade destas e das tragédias não será, pois, a mesma?

M. A. ALMENDRA

ANDRÉ BELLESSORT, Athènes et son théâtre. Librairie Académique

Perrin, Paris, 1954, XI + 348 paginas, XVI ilustrações.

Eis um belo livro que a Librairie Perrin acaba de editar. Não se trata, porém, dum livro novo, pois a edição actual apresenta-se como a 13A O seu autor é membro da Academia Francesa e escritor de numerosa bibliografia éntre a qual se conta um S. Francisco Xavier. A obra presente constituiu inicialmente um «Cours professé à la Société des Conférences».

Contém os capítulos seguintes: I — L'Athènes de Périclès; II — Le théâtre: décors, acteurs, poètes; III — Le patriotisme dans la tragédie; IV — Les dieux et

B

le sentiment religieux dans la tragédie; V — La famille tragique des Atrides: le crime; VI — Oedipe et ses enfants: la fatalité; VII — Grecs et Troyens: la guerre; VIII — Les amoureuses et l'amour; IX — La tragédie romanesque dans Euripide; X — L'Athènes d'Aristophane.

O livro constitui um belo exemplo das qualidades de elegância, penetração crítica e finura do espírito francês. Lê-se com extremo agrado e, não obstante a sua aparente «facilidade», é obra sólida, de quem conhece bem os textos sobre que se apoia. É ainda um produto do espírito francês, no seu uso exclusivo de fontes dessa nacionalidade, um pouco antiquadas talvez, mas geralmente seguras, e dos prefácios dos textos da coleção Budé.

Todavia, não se tratando de uma obra para especialistas, seria descabido acusar o Autor de ignorar, por exemplo, a moderna bibliografia de língua inglesa sobre teatro grego, bibliografia cujas unidades, em número sempre crescente, excedem em muito a produção francesa na matéria. O Autor ressentia-se dessa falta de informação principalmente quando se ocupa das origens do drama grego, ponto em que é mais do que superficial. Mas não esqueçamos o público a que o Sr. Bellessort se dirigia nas suas conferências e que, ao abordar a exposição daquele (o II) que é, em nossa opinião, o mais fraco capítulo da sua obra, o leva a exprimir o receio de que essa palestra («causerie») pareça «demasiado técnica»!

Entretanto, o que lhe falta aqui em erudição, supre-o em parte, nesta obra para o público em geral, com a transmissão ao leitor, das impressões vividas de quem fala do teatro de Dioniso em Atenas (como, aliás, de outros pontos do território grego), por ter lá estado. É pena que não tenha visitado também (ou não tenha mencionado) outros teatros, nomeadamente os da Magna Grécia e da Sicília! O de Siracusa, por exemplo, está livre das acusações de falta de acústica que o A. faz ao teatro ateniense, pois as representações que o Istituto Nazionale del Dramma Antico aí tem promovido, puseram à prova as suas extraordinárias condições de som.

Já salientámos que se não trata de um trabalho de investigação, ou de coordenação de pontos de vista, para especialistas de literatura grega. Todavia, estes, os chamados «técnicos» (usando a palavra no seu sentido grego), algo terão a ganhar (embora ocasionalmente possam não estar de acordo) com a visão panorâmica de toda a tragédia, e de parte da comédia, que A. Bellessort lhes proporciona. A interpretação pessoal dum bom conhecedor do teatro, a apreciação inteligente dum crítico sagaz e culto, a sua capacidade de transmissão do frêmito de horror, de paixão, de violência, mas também de beleza, harmonia e perene serenidade do teatro grego, tudo isto num estilo ameno e de cristalina transparência, vale bem mais do que muita erudição estéril de certos eruditos empedernidos, incapazes de enxergarem, com olhos de ver, a beleza pura da obra de arte.

O livro do académico Bellessort está, portanto, fora do plano das publicações mais ou menos «escolares», e seria insensato acusá-lo de não ter tratado este ou aquele ponto, como importuno é talvez, igualmente, o reparo de que o A. nunca menciona os n.ºs dos versos que traduz. Contenta-se com indicar o tradutor das Belles Lettres, usado na ocasião, e está no seu direito.

Faremos, brevemente, algumas observações que nos foram sugeridas pela leitura, sem preocupação excessiva de encontrar faltas, deste livro alicianete:

•—Assim, na pág. 161, o A. cita Montaigne num trecho em que o pensador quinhentista verbera o fanatismo religioso dos atenienses que condenaram à morte os vencedores das Ilhas Arginusas, por estes, arrastados pela perseguição ao inimigo, terem descuido recolher os cadáveres que vogavam nas águas. E acrescenta: «Il (Montaigne) aurait pu dire que, parmi ces généraux condamnés à mort pour n'avoir pas pris le temps de repêcher des cadavres, figurait le dernier fils de Périclès (...)». Também A. Bellessort — diremos nós — poderia ter dito que um ateniense, pelo menos, se opôs corajosamente ao insensato julgamento colectivo. E esse, honra lhe seja, foi, segundo a Apologia platónica, o intrépido Sócrates.

— Quanto à misoginia de Eurípides que vem referida em diversos lugares (nomeadamente nas págs. 223, 225 e 252) e leva o A. ao excesso de esboçar um retrato da «peste» que teria sido a mulher de Eurípides (na pág. 252), as opiniões estão hoje muito divididas. E a crença num Eurípides misógino pode considerar-se uma ideia antiquada. Veja-se a este respeito o que diz o grande helenista Gilbert Murray, autor de livros sábios e saborosos, no seu encantador livrinho *Euripides and his age* (2.ª ed., Oxford, 1946), pág. 18 e segs..

— A opinião (na pág. 301) «de que os meios cénicos que Aristófanes tinha ao seu dispor eram ainda muito imperfeitos, e de que as exigências do público em matéria de ilusão teatral só podiam ser muito modestas» — ainda quando transcrita de Mazon — é assás discutível. É ponto de grande disputa sobre o qual há bibliografia contraditória: cf., por exemplo, Bulle-Wirsing, *Szenenbilder zum griechischen Theater des 5. Jahrhunderts v. Christ* (Berlim, 1950) e a notável recensão de Carlo Anti in *Dioniso*, vol. XIII, N. S., pág. 74 e segs.. Mais bibliografia pode ver-se no artigo de A. Blanco Freijeiro in *Estudios Clásicos*, tomo I, pág. 372 e segs., com o título de *Nuevos estudios sobre la Escenografía del teatro griego*.

— O Autor (na pág. 293), seguindo a opinião tradicional, considera Alceste «a mais comovente figura jamais criada pelo amor conjugal». Mas seria o amor conjugal o verdadeiro móbil de Alceste? Quem lê com atenção a tragédia euripídiana não fica com a impressão de que Alceste (recorem-se as lições de moral que ela lhe propina, ao morrer!) tivesse uma grande consideração pelo marido.

Não teria sido antes o amor pelos filhos a verdadeira causa do sacrificio de Alceste? Crescendo sob as vistas paternal, a sucessão do filho de Alceste ao trono

de Feres não estaria mais sólidamente assegurada ? Esta opinião que não é só nossa, tem muito que se diga em seu favor.

— Pheidippides, na transliteração do grego, ou Phidippide, na versão do francês, é constantemente designado, na pág. 329 e segs., que se ocupam das *Nuvens* aristofânicas, por «Philippide». Compreende-se que, por distração, tenha passado um / por um *d*, tanto mais que o nome com / também lhe ia bem ao feitio, mas a verdade é que o filho de Estrepsiades se chamava, em francês, «Phidippide».

— Ainda a propósito de Aristófanes, digamos que as duas páginas (322-3) em que o Autor resume os reflexos da vida corrente na comédia aristofânica, são modelares como síntese. Quem quiser conhecer pormenores, pode encontrá-los no livro profundo e ameno (duas qualidades que raro andam juntas) do Prof. Victor Ehrenberg, *The people of Aristophanes* (2nd. ed., Oxford, 1951).

— Registemos também um louvor ao bom gosto das ilustrações, em heliogravura, da autoria do artista Antoine Bon.

Não queremos alongar mais as observações a um trabalho tão distante das preocupações de erudição escolar, como este do Sr. André Bellessort. Desejamos apenas recomendar vivamente a sua leitura a todos aqueles que se interessem por um dos capítulos mais significativos da história cultural da humanidade. E, referindo-nos especialmente aos alunos das nossas Universidades, do coração desejamos que a leitura de *Athènes et son théâtre* e de outros livros como este, ajude a minorar a sua indigência cultural, que é aflitiva.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

Antonio Barbieri, *La vis comica in Terenzio*. Paideia, Arona, 1951,
300 pp.

Prefaciada com elogios por G. B. Pighi, a tese de doutoramento do Prof. Barbieri, há anos apresentada na Universidade de Friburgo (Suíça), ocupa-se da *vis comica* de Terêncio, entendida esta no sentido que se lhe dá habitualmente nos versos do famoso epigrama de César (ou a ele atribuído), a respeito de Terêncio. Como todos sabem — e o Dr. Barbieri melhor que ninguém — a expressão nasceu em edições modernas, da omissão de uma vírgula que, para os antigos, separava *vis*, no final do terceiro verso, de *Comica*, no começo do verso seguinte. A tendência actual é para colocar de novo a vírgula, de tal maneira que *vis comica* deixe de existir.

Entretanto, a expressão ganhou, há muito, foros de autenticidade, e o Dr. Anto-